

Marisa Lajolo estréia na ficção

Professora do IEL dá um tempo no ofício de ensaísta para concretizar um velho sonho



Foto: Neldo Cantanti

Marisa Lajolo e a capa do livro (no destaque): "Na ficção o escritor está mais sozinho"

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Depois de nove versões, chega enfim ao público infanto-juvenil o primeiro livro de ficção – Destino em Aberto — da professora Marisa Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Habituada a “trabalhar com textos alheios”, Marisa é autora de uma série de livros de ensaios, entre os quais destacam-se A formação da Leitura no Brasil e O preço da Leitura. No livro Destino em Aberto, Marisa Lajolo conta a história de dois adolescentes – um crescido na rua e outro herdeiro de uma grande fortuna. Os protagonistas, pano de fundo para um mergulho nos problemas sociais do País, têm em comum uma paixão: a música. Na entrevista que segue, a autora explica como criou sua obra.

Jornal da Unicamp – Como foi a experiência de escrever seu primeiro livro de ficção?

Marisa Lajolo – Foi ótima. Achei muito divertido escrever ficção. Foi mais divertido escrever Destino em Aberto do que qualquer coisa que escrevi até hoje. E também mais difícil. Parece que o ficcionista parte do zero; já o ensaísta tem muita gente que antes dele já escreveu sobre o assunto, gente a quem, portanto, ele precisa prestar contas. Bibliografia, citações, argumentos e contra-argumentos. Isso acaba dando uma mãozinha na invenção do texto. Na ficção o escritor está mais sozinho. Para o bem ou para o mal, não presta contas a seus pares: só aos seus leitores, os leitores, ilustres desconhecidos, que são sempre o horizonte e os fantasmas do ficcionista.

Como nasceu a idéia da novela?

Marisa – Acho que eu sempre quis escrever

histórias. Mas acabei professora de literatura, isto é, trabalhando com textos alheios. Cadê a coragem para mudar de lado, sair da onipotência da crítica e encarar a folha em branco com uma idéia na cabeça e um teclado na mão? Ai, na virada para dois mil, aquela história de tomar decisões, passar a limpo propósitos, decidi: no novo ano eu ia começar a escrever um livro de literatura em vez de muitos sobre literatura que já tinha escrito.

Como é o seu processo de criação?

Marisa – Eu gosto muito de escrever. Sobre tudo de re-escrever. Adoro o esforço para chegar o mais perto possível do que eu pretendo dizer aos leitores. Sou disciplinada, peço e ouço palpites sobre o que escrevo, sempre meloro meus textos com os palpites dos leitores-de-fé. Mas desta vez o projeto era secreto e não tinha muitos leitores-de-fé.

Sobretudo nos diálogos, “Destino em Aberto” faz uso da linguagem dos meninos de rua. Como chegou a dominar o jargão, fez alguma espécie de laboratório?

Marisa – Moro perto de um McDonald’s, onde há sempre crianças pedindo dinheiro. Eu combinava que pagava um lanche para elas e elas me contavam a vida delas. Eu ficava puxando assunto para tentar aprender a forma como elas contavam a história delas. Histórias incríveis, agilidade narrativa, alegria de contar histórias e de palpar nas dos outros, extrema inventividade. Tentei, nos diálogos, me valer desse aprendizado, e ficar um pouco poliglota. Mas o sotaque é inevitável. A primeira vez que consegui escrever alguma como “os home disse que apagava eu” achei o máximo. Achei que estava ponta, que meus companheiros de hambúrgueres tinham sido mestres eficientes.

Qual a situação do livro infanto-juvenil no país?

Marisa – Ai já é uma pergunta para a ensaísta, que hoje está de férias...

A universidade costuma ser pródiga em ensaístas, mas pobre de ficcionistas. Em sua opinião, por que isso acontece?

Marisa – O gênero pelo qual a universidade se expressa é o ensaio. Alguns poetas – e muitos deles excelentes – põem as manguinhas de fora, mas acho que os ficcionistas são mesmo poucos. Tenho para mim que a ficção – particularmente o romance – é um gênero meio desprestigiado. Levou um tempão para os intelectuais considerarem o romance como literatura com ele maiúsculo. Meio como a telenovela hoje ou a MPB, parece. Daí, talvez, o confronto entre a imagem de sisudez que a universidade tem de si mesma e a (des)valorização do romance. Mas é um palpite, mera opinião e, como dizia mestre Guimã, “pão ou pães, é questão de opiniões...”

“Desta vez o projeto era secreto e não tinha muitos leitores-de-fé”

“O gênero pelo qual a universidade se expressa é o ensaio”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho. Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa. Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3289-3848. Homepage <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail imprensa@unicamp.br. Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Editor Alvaro Kassab. Redatores Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Raquel do Carmo Santos e Roberto Costa. Fotografia Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação Dário Mendes Crispim. Serviços Técnicos Clara Eli de Mello, Dulcineia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. Impressão ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569.